

YEDA E ADAILTO ALMEIDA – Produtores culturais

Sócios-diretores da Palco Produções.

1. Quem é Yeda e quem é Adailto?

Adailto - Adailto Almeida é sócio-diretor da Palco Produções. Minha história com a música começou em 1972, quando fui representante da Companhia Brasileira de Discos, que mudou de nome, tornou-se Poligram, depois gravadora Fonogram, e, atualmente, é conhecida como Universal. Trabalhei nesta empresa como vendedor, divulgador e supervisor regional por 29 anos, nas cidades de Salvador, Fortaleza e Recife.

Yeda - Sou Yeda Almeida, sócia-diretora da Palco Produções. Gosto de música desde criança, principalmente MPB, mas foi na universidade que meu interesse por música aumentou. Eu estudava comunicação e biblioteconomia e durante a década de 1970 participei do diretório acadêmico, éramos uma equipe de cinco ou seis moças, pois nessa época a escola de biblioteconomia era frequentada por moças de famílias ricas, que não tinham vontade de se envolver em revoluções políticas. Esse ambiente do diretório e a proximidade entre a escola de biblioteconomia e outras escolas, como a de música e de odontologia, fazia com que a escola de biblioteconomia fosse um lugar de encontro, e nesses encontros sempre havia muita música. Isso contribuiu muito para que eu conhecesse e escutasse Chico, Caetano e Gil. A partir daí meu amor pela música foi cada dia maior. Mas meu trabalho com música só teve início quando conheci Adailto e entrei na Gravadora Poligram. Namoramos, casamos e então comecei a me aproximar do trabalho de Adailto e da gravadora. Eles perceberam meu interesse por música e então comecei a trabalhar na Poligram, trabalhei lá 17 anos. Comecei indo para Recife, fomos responsáveis pelo trabalho da gravadora em todo o Nordeste. Quando voltei para Salvador, os próprios artistas da gravadora, como Caetano, Elba e João Bosco, começaram a me incentivar para eu me tornar produtora. Eu fiquei na dúvida, mas depois percebi que na verdade eu já fazia a produção dos artistas na própria gravadora, pois cuidava da assessoria artística, da divulgação e ainda acompanhava os shows dos artistas nas cidades, fazendo todo o trabalho de marketing e produção. Então decidi abrir a Palco Produções, e foi um trabalho relativamente fácil porque eu já tinha artistas junto comigo, que me demandaram o trabalho de produção. Durante nove anos eu fiquei à frente da Palco e Adailto continuou na Poligram. Após esse período, depois que a Palco se estruturou, Adailto saiu da Poligram e veio trabalhar na produtora em parceria comigo.

2. O que vocês entendem como cultura?

Yeda - Vamos falar de cultura no campo da música, que é nossa área de atuação. Então cultura é música que o povo compreende e absorve de uma forma mais ampla, não é somente ritmo, não é somente festa. O carnaval de Salvador, por exemplo, não é um carnaval cultural. É uma festa linda, que durante muitos anos desenvolveu a cultura, mas hoje não faz mais isso. Há uma mesmice musical que não mostra o que existe de bom na música popular brasileira. No carnaval você extravasa, mas não conhece a produção cultural da Bahia.

Adailto - Para nós existe a música cultural e a música para diversão. A música cultural é resultado de todo um trabalho, há todo um conceito trabalhado na música cultural e a música para diversão é uma fábrica de letras que visa apenas diversão. Nosso interesse é a música cultural, a Palco tem a tradição de mostrar a música de qualidade, que é a boa música popular brasileira.

3. Como vocês avaliam as políticas culturais na Bahia?

Yeda - As leis da Bahia, no nosso caso, não funcionam. Tem todos esses editais, mas se fracionou muito e o valor que fica para cada projeto é muito pouco, dá para quem vai fazer projetos menores, mas não dá para realizar um projeto realmente de peso. Nós temos trabalhado com muito esforço e não vemos nenhuma política cultural que contribua para o nosso trabalho.

4. O que vocês pensam sobre os editais e as leis de incentivo como mecanismos de financiamento da cultura?

Yeda - Acreditamos que os editais são muito bacanas, mas o fracionamento da verba por editais não funciona. Nenhum projeto que se preze consegue ser realizado com 20 ou 30 mil reais, aí você tem que ficar adequando seu projeto ao edital e termina fazendo um projeto medíocre. Os editais funcionam apenas para artistas que precisam de uma verba complementar para concluir um CD ou para lançar um livro, mas não atendem aos projetos em sua íntegra. É preciso fazer um estudo para que se possa realmente incentivar a cultura, só assim os editais deixarão de ser um blefe de incentivo.

5. Qual o papel da iniciativa privada no financiamento à cultura?

Adailto - Acreditamos que a participação da iniciativa privada é válida, pois quanto mais incentivo, mais a gente amplia o acesso à cultura.

Yeda - As indústrias e empresas que ganham muito dinheiro têm obrigação com seu estado, com seu país e é responsabilidade do governo lembrá-las disso e incentivá-las a investir em cultura.

6. Como vocês avaliam os espaços culturais na Bahia? Quais as principais carências?

Adailto - Como nós trabalhamos com shows grandes, temos apenas o Teatro Castro Alves. A gente tem que fechar pauta com antecedência de muitos meses. E para shows menores também não há espaço, pois todos os nossos teatros menores enfrentam muitas dificuldades. Uma cidade musical como Salvador é a única cidade no Brasil que não tem um espaço adequado para grandes shows. Caruaru, Aracaju, Recife, Campina Grande, Belém todas as cidades têm um espaço para shows. E é por isso que a Bahia está fora do circuito dos shows internacionais. Nós temos o Parque de Exposições, que apresenta milhares de problemas. Nós conferimos esses problemas de perto quando fizemos o show de Beyoncé lá.

Yeda - Se pensarmos na possibilidade de construir novos espaços culturais enfrentamos inúmeros empecilhos, como a escassez de terrenos devido à bolha imobiliária que vivemos em Salvador e as notificações do Ministério Público proibindo as construções porque associações

de moradores questionam. Em contraponto, são realizados todos os dias shows em espaços como o Farol da Barra e o Wet'n Wild.

7. O que vocês pensam em relação à gratuidade do acesso à cultura? E em relação ao valor dos ingressos e produtos em Salvador e a meia-entrada?

Adailto – O preço é igual em todos os lugares do Brasil. Há lugares que são até mais caros do que aqui em Salvador, a exemplo de Porto Alegre, onde não existe meia-entrada, e isso é muito interessante. O preço do show dessa última turnê de Chico Buarque foi R\$340,00 aqui em Salvador, onde tivemos uma bilheteria com 70% de meias-entradas. O mesmo show, fechando a turnê em Natal, custou R\$380,00.

Yeda – Fala-se muito que em Salvador os preços são absurdos e que Salvador é uma cidade pobre. Em Salvador, em muitos casos, o ingresso custa mais baixo que outros locais com Rio de Janeiro e São Paulo. Mas, o que nos prejudica é que o maior índice de meia-entrada está aqui. A meia-entrada, até 15 anos atrás, era algo natural. A gente tinha um percentual entre 9% e 11% de estudantes legítimos. Hoje, temos percentuais que chegam a 92% e sabemos que, desse percentual, 10% à 12% são estudantes. Alguns até se dizem estudantes porque terminaram a faculdade e foram para um mestrado, doutorado, e essas pessoas se consideram estudantes. Aqui no Brasil adquiriu-se esse hábito. Na Europa, por exemplo, até 26 anos não precisa apresentar carteira porque você é considerado estudante. Tudo bem, até admite-se que esses profissionais sejam estudantes, mas outras pessoas que não estudam nada compram carteira de estudante e recebem em suas casas por dez reais. Então, isso não é justo com o profissional que não trabalha com cultura, como nós, que somos profissionais que ganham com a produção dos shows. E a gente se pergunta o seguinte: porque o governo, então, não adota essa lei da meia-entrada para as livrarias, para os livros que os estudantes precisam, para todo o material escolar que o governo poderia subsidiar? O governo não subsidia isso, mas nos abriga a dar uma meia-entrada e não nos dá nenhum retorno disso, porque ele não tira da gente 1% de ISS ou de qualquer imposto que seja. E isso é um dos aspectos que torna a cultura cara para os produtores e empresários, aí a gente tem que repassar esse custo para o público. Então, se os preços aumentaram é porque quando fazemos um show sabemos que, pelo menos, 70% serão de meias-entradas. Para que possamos trazer os eventos que custam caro, temos que ter alguma possibilidade de amenizar essa questão. Já conversamos muito com os governos para que essa lei da meia-entrada seja alterada, mas até agora não conseguimos nenhuma vitória e continuamos nesse impasse. O acesso à cultura não é gratuito, pois a produção cultural envolve trabalho. Quando Chico está no palco ele está trabalhando. Entretanto, o incentivo financeiro do governo ou da iniciativa privada poderia facilitar o acesso à cultura.

8. Como vocês percebem o mercado para a produção cultural na Bahia? Nesses 20 anos de atuação da Palco Produções, o que mudou e quais as principais dificuldades enfrentadas?

Yeda – Na verdade, nós temos 20 anos de atuação apenas com a Palco, porque, só eu, antes de fundar a Palco, já tinha trabalhado 17 anos na Poligram e Adailto, quando veio pra Palco, já www.producaoculturalba.net

tinha 20 anos de música na gravadora, que era um mercado bastante diferente. Quando eu e Adailto voltamos para Salvador percebemos que aqui havia um mercado muito bom para a música popular brasileira, e ainda pouco explorado por pessoas que tivessem um conhecimento maior em produção. Mas a cada ano está mais difícil produzir cultura em Salvador. Antigamente as parcerias eram mais fáceis, hoje elas não existem mais porque o axé monopolizou essas parcerias. O axé hoje é uma indústria que trabalha o ano inteiro e absorve para sua lógica outros gêneros, como o forró, e aquilo que não entra na lógica é inibido e não tem espaço. E o Estado corrobora com essa situação, junto com o maior grupo de comunicação do Estado, a TV Bahia. A gente faz grandes shows aqui na cidade, de artistas com alta qualidade musical e importantes para cultura baiana e não consegue parceiros ou pauta na televisão para divulgar. E isso acontecia no governo ACM e continua acontecendo até hoje.

Adailto – As dificuldades aumentaram muito. Antigamente nós tínhamos facilidades com companhias aéreas, com hotéis, com patrocinadores. Hoje encontramos muita dificuldade para conseguir esses apoios. E o nosso maior problema, principalmente em Salvador, é a falta de locais. Apesar de termos um excelente teatro, que é o Teatro Castro Alves, e termos um lugar maravilhoso, que é a Concha Acústica, faltam opções na cidade. Também temos outro problema gravíssimo que se chama meia-entrada para estudantes. Não que a Palco seja contra, mas chegamos a ter shows com 90% de meias-entradas. Com isso, é impossível fazer grandes shows em Salvador.

9. A Palco Produções Artísticas atua na Bahia desde 1992. Qual seu perfil quando foi criada e como funciona atualmente, o que mudou?

Yeda - A Palco trabalha com Música Popular Brasileira, especificamente. A empresa se beneficiou com a minha formação e a de Adailto. A gente tem uma visão geral do processo de produção graças ao trabalho na gravadora. Nosso trabalho de produção é guiado por uma visão global, então mesmo não sendo empresários dos artistas, a gente pensa na imagem e na carreira do artista nos lugares onde os levamos. Durante os seis primeiros anos da Palco o foco era apenas Salvador, só quando a produtora se firmou é que a gente começou a fazer turnês, a trabalhar em outras cidades e países. Em 1999 fizemos o nosso primeiro trabalho internacional, produzimos a noite brasileira em Nova York, continuamos com esse projeto durante uns seis anos. A Palco trabalha com uma equipe reduzida, que muda muito, pois a gente não tem condições de pagar um salário mensal para a equipe, trabalhamos por demanda. Então muitas pessoas que começam trabalhando conosco conseguem um trabalho com remuneração fixa e nos deixam, às vezes, voltam mais adiante, às vezes não. Nesses casos, procuramos outras pessoas, mas não gostamos de trabalhar com profissionais que vêm de outras empresas, pois preferimos formar os profissionais que vão trabalhar conosco.

Adailto – A Palco Produções tem a finalidade de mostrar a melhor música que existe no Brasil. Essa foi a nossa principal finalidade: fundar uma produtora que mostrasse a música de qualidade para Salvador e para o Brasil.

10. Como vocês vêem a relação entre produtores e artistas hoje? Como é trabalhar com grandes nomes?

Adailto – No nosso caso os artistas nos conhecem há muito tempo, temos um carinho e amizade fortes. Eles sabem que sempre estaremos do lado deles. E a gente sente isso quando, por exemplo, convidamos algum artista para vir realizar um show em Salvador. Sabemos que o cachê deles é às vezes fora das nossas condições normais, mas, com a nossa amizade, eles cedem alguma parte sabendo que vamos proporcionar algo bom para eles. O nosso relacionamento com os artistas é diferenciado.

Yeda - A gente lida com o ego do artista de uma forma muito natural, porque já conhecemos os artistas com os quais trabalhamos há muito tempo. E muitas vezes as exigências dos artistas nem são deles realmente, são das pessoas que trabalham com eles. Tornamo-nos produtores para dar continuidade a um trabalho que a gente já fazia há anos diretamente com os artistas, um trabalho de música completo – produção, divulgação, assessoria - por isso, eles conhecem e respeitam o nosso trabalho. Na gravadora sempre nos aproximávamos muito dos artistas e, com isso, temos uma forma de trabalho diferenciada de outros produtores que visam apenas o negócio, que se tornaram produtores porque achavam que a produção era bacana, que se ganhava muito dinheiro. Nós ainda preservamos o contato mais íntimo, produzimos um show de um artista porque admiramos o trabalho dele e compreendemos a importância desse trabalho para o desenvolvimento da cultura. Eu adoraria estar milionária com o meu trabalho, mas não é por aí. Não temos essa mentalidade. Fazemos show de carreira ou criamos projetos que os artistas acham interessantes porque sempre queremos projetos que fiquem na história da música. Então o trabalho da Palco é esse: se preocupar e cuidar da carreira dos artistas. Os artistas com os quais trabalhamos mais recentemente chegam até nós por indicação, então confiam no nosso trabalho também. Os artistas confiam tanto que até em repertório opinamos, pois se somos nós que estamos produzindo o show, conhecemos o público mais do que o artista. Nessa situação o produtor tem que saber o que está fazendo, tem que conhecer muito o trabalho do artista.

11. Qual a importância da crítica na área da cultura? Como vocês avaliam a crítica na Bahia?

Adailto – Existem poucos críticos na Bahia, e esses poucos que existem escrevem poucas críticas, mas quando escrevem, não deixam a desejar. Alguns deles são Hagamenon Brito, do jornal Correio da Bahia e Marcos Casé, do A Tarde.

Yeda - Os artistas ficam ansiosos pela crítica depois que fazem os shows, mas como na Bahia a crítica ainda é tímida, geralmente os artistas ficam sem retorno.

12. Como vocês percebem a questão da profissionalização na área cultural? Quais as principais necessidades do mercado baiano hoje?

Yeda - Os cursos de Produção Cultural deveriam ter estágios como os outros cursos têm, que visem a prática, que façam com que o aluno bote a mão na massa. No estágio de produção cultural você tem que acompanhar uma produção, porque é na prática que você entende como se faz produção. Então as faculdades deveriam dialogar com as produtoras e fechar parcerias, www.producaoculturalba.net

mas a burocracia das universidades dificulta esse processo. A universidade não pode se fechar no mundo acadêmico. Os poucos bons profissionais que existem são independentes, não têm ligação com produtoras, e são muito cotados. Além disso, esses profissionais terminam trabalhando na indústria do Axé, porque lá eles vão trabalhar o ano inteiro. A indústria do Axé tem outra lógica de produção, cresceu e se profissionalizou muito rápido, permite que os profissionais tenham salários mensais, é difícil concorrer com essa lógica. A Palco tem uma equipe pequena porque não montamos shows, eles já vêm prontos e nós executamos, além disso, achamos que quanto mais gente trabalhando, menos rende o trabalho. O que acontece é que os profissionais que formamos no nosso padrão são, geralmente, convidados por outras produtoras. Nós achamos bacana que eles sigam outros caminhos, porque aqui eles trabalham com a qualidade e com o prazer e lá eles vão trabalhar com o ganhar bem.

13. Vivemos numa crise da indústria fonográfica há algum tempo. Com essa crise, o que mudou no trabalho do produtor cultural?

Adailto – A indústria fonográfica está passando, realmente, por uma crise. Você não para mais para ouvir um disco em sua casa. Antigamente, aos domingos, se ouvia vários discos e se discutia sobre eles durante a manhã inteira. Hoje você tem internet, mídias sociais e uma série de coisas que contribuem para a indústria fonográfica sofrer. Hoje os shows são a ligação do artista com o público e também uma grande mídia para vender discos. Você sai de um show de Chico Buarque e vai diretamente à loja comprar o disco. Eu acho que esse casamento ainda continua bem juntinho.

Yeda – Antes, a gravadora trabalhava o CD e, só depois deste CD bem trabalhado, os artistas partiam para o show. A mordomia era grande, as gravadoras bancavam quase tudo, menos os shows, mas ainda assim as gravadoras ajudavam. Hoje essa lógica se inverteu. O artista produz e grava o CD dele livremente, do jeito dele, porque antes a gravadora também impunha determinadas formas de gravar, principalmente para os artistas que estavam surgindo e se consagrando. Então o artista vende o CD para a gravadora, que normalmente não tem mais um contrato de tempo com ele. Aí essa gravadora vai distribuir a venda. Nesse processo, são os shows que levam à compra do CD. Essa nova lógica traz mais trabalho para o artista, mas agora ele próprio divulga o seu trabalho da forma que deseja. Muitos deles têm suas equipes contratadas para fazer divulgação, vendas, ou até já têm o seu próprio selo, sua própria gravadora. E a internet continua aí firme e forte também divulgando os artistas, as pessoas vão lá e baixam as músicas deles. O mercado mudou bastante, o mundo mudou e estamos acompanhando a evolução dos tempos também na música.

***Entrevista realizada por Adriana Carolinne Santos Silva e Filipe Menezes, dia 04 de maio de 2012, no Espaço Cultural da Barroquinha, em Salvador.**